

Discurso político no/em debate: uma análise das mutações do gênero debate eleitoral presidencial brasileiro.

Livia Maria Falconi Pires¹

Resumo

Na esteira dos estudos atuais sobre as mutações sofridas no modo de produção e circulação dos discursos políticos, os quais se constituem na contemporaneidade com a forte incidência de traços da fala cotidiana, analisamos em nosso trabalho de doutoramento o funcionamento do discurso político eleitoral brasileiro no gênero debate, supondo que esse passa por um processo de “desierarquização” e de “desideologização”. Para tanto, tomamos como *corpus* os debates dos candidatos à presidência no segundo turno das eleições brasileiras, do período de 1989 a 2010, percorrendo, assim, desde a abertura política até os dias atuais, buscando levantar eventuais mutações nessas formas de interlocução política. O debate eleitoral configura-se como uma arena para o embate discursivo eleitoral, disputa que se diferencia, de acordo com a maneira como é apresentado o gênero. Assim como os locais de pronunciamento da fala pública, da ágora clássica à tribuna medieval, interferem na constituição do falar público e o modificam, as diferentes disposições do debate político eleitoral podem interferir na construção do discurso político presidencial eleitoral. Dessa maneira, para este presente trabalho que ora apresentamos, mobilizaremos algumas análises da construção e das mutações do gênero debate televisionado, que se configura como um dos objetivos principais do trabalho de doutoramento, afim de demonstrarmos as mutações sofridas por ele, para compormos, assim, um panorama do discurso político contemporâneo. Não podemos mais dissociar o verbo do corpo devido ao aparato audiovisual que, na atualidade, é essencial para a política, principalmente no momento de campanha eleitoral, o gênero debate eleitoral presidencial, corrobora, então, o entrelaçamento de verbo e imagem. Para tanto, pautar-nos-emos em reflexões sobre os estudos da análise do discurso, os quais levam em conta o enunciado sincrético em sua densidade histórica (SARGENTINI, 2011), os estudos da fala pública (PIOVEZANI 2009) amparando-nos nos estudos que sofrem aportes de contribuições de Courtine (2011) e do pensamento de Foucault, focalizando a importância de se estudar os discursos em sua articulação com a história, vista em suas descontinuidades (FOUCAULT, [1969] 2009).

Palavras-chave: debate, campanha eleitoral, discurso político, análise do discurso

Abstract

Following recent studies about changes on how political discourse is produced and it is put into circulation, as well as considering that in contemporary time it is constituted by strong traits of daily speech, this PhD research aims at analysing Brazilian electoral political discourse functioning in debate genre, assuming that it passes through processes of “desierarquização” and “desideologização”. For this purpose, debates from presidential candidates from second round Brazilian elections (from 1989 to 2010), since political openness until nowadays, form the research corpus. The goal is to raise possible changes on ways of the political interlocution. Electoral debate is an arena for electoral discourse clash – a dispute which changes by how genre is presented. From classical ágora to medieval tribune, the places for public speech interfere and modify the constitution of public speech itself. Likewise, different arrangements in electoral-political debate can interfere in political-presidential-electoral discourse construction. To this end, this work shows some

¹ Aluna de doutorado em linguística na Universidade Federal de São Carlos – UFSCar – e bolsista FAPESP (Processo no. 2013/19209-7. Contato: liviampires@yahoo.com.br .

analysis of the constructions and changes of televised debate genre, which is currently one of the PhD research objectives. By doing this, we intend to demonstrate changes suffered by genre and to compose a board view of the contemporary political discourse. All things considered, it is highly essential to politics and electoral campaigns that it is no longer possible to separate the verb and the body due to audio-visual displays. The genre electoral-presidential debate, then, corroborates to interlacing verb and image. Therefore, our reflections will be guided by the studies of analysis of discourse, which considers the syncretic utterance and its historical density (Sargentini, 2011), public speech studies (Piovezani, 2009), based on studies influenced by contributions from J. J Courtine (2011) and from M. Foucault thought – focusing on the importance of studying discourses in articulation with history, seen on its discontinuities (Foucault, [1969] 2009).

Keywords: debate, electoral-political, political discourse, analysis of discourse

Introdução

Ao tratarmos do discurso político eleitoral brasileiro, estamos, também, falando da fala pública e assim podemos tratar de suas transformações. A fala pública, na Antiguidade Clássica, caracterizava-se, a partir dos princípios da democracia grega, pela expressão dos fortes brados de eloquentes oradores que falavam a seus pares nas assembleias, na ágora e no teatro. Na Idade Média, tal fala pública modifica-se, sendo prioritariamente proferida pelo religioso, tomando, assim, um tom divino, enigmático e intimidador. Tal religioso, que se colocava como orador, falando do alto de uma tribuna, ali ocupava o lugar de dominador de seu rebanho o mais próximo da divindade o qual proferia dizeres incontestáveis (PIOVEZANI, 2009).

Somente na Idade Moderna a fala pública é perpassada pela civilidade, segundo Courtine & Haroche apud Piovezani (2009),

“A conveniência nas maneiras e nos costumes, que é perpassada por um saber, por uma ética e por uma estética intrinsecamente relacionados, apresenta estreitas articulações entre a civilidade e a conversação, visto que a emergência e o desenvolvimento da primeira estabeleceram-se, em larga medida, na associação de uma “educação da linguagem” e do “domínio de si”.

Dessa maneira, pensando a fala pública como constituída na sociedade na contemporaneidade, tomamos-na afetada pela construção histórica da efemeridade e rapidez. Sendo o discurso político “um tipo de fala pública” (PIOVEZANI, 2009, p.137) fruto de uma densidade histórica e, portanto, historicamente constituído, as características da “modernidade líquida” (BAUMAM 2001) também estão por ele perpassadas, emergindo, na contemporaneidade, um discurso político “mais fluído, mais imediato que requisitaria o instante mais do que se inscrever na memória” (COURTINE, 2006, p. 84). O discurso político contemporâneo é também caracterizado

por uma “língua de vento” (PÊCHEUX e GADET, 2004, p.23), que dá amplas margens para o lugar de destaque do homem político. Um discurso político que se inscreve e se adéqua aos aparatos audiovisuais, sendo que “o verbo não pode mais ser dissociado do corpo e do gesto, a expressão pela linguagem conjuga-se com aquela do rosto, de modo que não podemos mais separar linguagem e imagem” (COURTINE, 2011, p.150).

Assim, nosso *corpus*, constituído pelo gênero debate eleitoral presidencial reafirma o entrelaçamento do verbo e da imagem, articulando “língua, conjuntura social e estrutura histórica, em um espaço onde se combinam ação e coerção no encontro entre uso e circunstância” (PIOVEZANI, 2009, p.146). O debate configura-se como uma arena para o embate discursivo eleitoral, já que cada candidato deve fazer a propaganda de si e sua imagem deve ser coerente com sua proposição política.

Nesse sentido, como os locais de pronunciamento da fala pública, da ágora clássica à tribuna medieval, interferem na sua constituição e a modificam, as diferentes disposições do debate político eleitoral podem interferir na construção do discurso político presidencial eleitoral, “levando em conta o sincretismo existente entre verbo e imagem e a densidade histórica que constitui os enunciados” (SARGENTINI, 2011, p.116).

1.1 A arena discursiva

É na esteira das discursividades sincréticas, da evidência da imagem, que não mais pode ser desvinculada do verbo, que analisamos a construção da imagem do homem político, a qual é passível de “estetização”, nas circunstâncias de debate em campanha eleitoral. A midiaticização conferiu ao corpo dos indivíduos uma grande visibilidade. Fez do corpo do homem político o primeiro operador de sentido, passando, então, a significar tanto quanto seu programa político. (COULOMB-GULLY, 2003)

O encontro com os eleitores, com a multidão, que se dava nos comícios, nos pronunciamentos públicos, nos quais o palanque era a arena da discursividade política, promovendo uma “distância próxima” (COURTINE, 2003, p. 29), modificou-se. Na contemporaneidade, esse encontro ocorre, de maneira mais frequente, mediado pela televisão, promovendo, então uma “intimidade distante”, preconizando-se a ilusão do contato do eleitor com o candidato. (COULOMB- GULLY, 2003). O corpo físico deixa de ser real, verdadeiro e torna-se, na tevê, uma representação que necessita de construção e “estetização”. O discurso e o corpo do político não se separam da gestualidade, da voz, da vestimenta, todos esses cuidadosamente construídos para serem

exibidos na mídia audiovisual. Assim, “a relação física torna-se principalmente estética, o corpo torna-se uma imagem: é um corpo que representa” (COULOMB-GULLY, 2003, p.125).

Dentre as “cenas” que constroem a *mise en scene* eleitoral, o debate tem uma grande importância para o processo democrático. É por meio dele que os candidatos se expõem e falam de maneira mais direta aos eleitores, apesar daquela *mise en scene* ser cuidadosamente construída e moldada. A priori, seria ele, o debate, o lugar do embate, da batalha, pois é nele que os candidatos são interpelados, porém,

(...) os candidatos não “pelejam”, visto que enfrentamentos discursivos entre eles não são permitidos. Isso significa que, formalmente, há um debate, na esfera pública, metaforizado pela “arena”, mas que, não se passando necessariamente entre os candidatos, permite inferir, não se sabe ao certo com quem eles debatem porque, afinal de contas, rigorosamente não existem interações envolvendo os interlocutores (FAUSTO NETO; RUBIM; VERÓN, 2003, p. 148).

Com o intuito de elucidar as diferenças entre os debates políticos eleitorais e, conseqüentemente, as mutações do discurso político eleitoral brasileiro, trazemos alguns apontamentos sobre os debates presidenciais de segundo turno, tomando o de 1989, com os então candidatos Luiz Inácio Lula da Silva (Lula) e Fernando Collor de Mello, o último debate do segundo turno de 2002, entre, o candidato Lula e José Serra, o último debate do segundo turno de 2006 entre Geraldo Alckmin e Lula. Ademais, consideramos também para nossas análises o debate de 2010 entre a então candidata Dilma Rousseff e José Serra.

1.2 Na arena: apontamentos sobre o debate televisivo eleitoral presidencial



Figura 1

Pautamo-nos nas categorias elencadas por Weber (2010)² para analisar o debate presidencial eleitoral ocorrido em 14 de dezembro de 1989, e classificado como “debate convencional simples”, com os candidatos posicionados frente à frente em seus púlpitos e o jornalista, mediador, ao centro. Tal debate foi construído a partir da transmissão feita por um “pool de imprensa” no qual, quatro emissoras: Rede Globo, Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), Rede Manchete e Rede Bandeirantes, se juntaram para transmitir o debate. Os mediadores eram jornalistas representantes de cada emissora que se revezavam, pela ordem de aparição estavam Boris Casoy (SBT), Marília Gabriela (Bandeirantes), Eliakim Araújo (Manchete) e Alexandre Garcia (Globo). Juntamente com os mediadores estavam, também, mais quatro jornalistas, Luiz Fernando Emediato (SBT), seguido por Joelson Beting (Globo), Villas-Bôas Corrêa (Manchete SP), Fernando Mitre (Bandeirantes), participando de cada bloco e interrogando os candidatos. O debate foi dividido em quatro blocos e quatro temas sendo o primeiro, “economia”; o segundo, “questões sociais”; o terceiro, “justiça e democracia”; e o quarto, “tema livre” contando com perguntas feitas pelos candidatos entre si.

Em 1989, momento da redemocratização brasileira, a organização do debate, construída tradicionalmente, como já dito, com os candidatos posicionados em suas tribunas, com apenas meio corpo aparente e enquadramento de plano fechado³, produzia uma focalização do político e seu dizer. Ancorando-nos em Coulomb-Gully (2003), podemos dizer que nesse momento, iniciava-se, no Brasil, em debates eleitorais, o processo de significação

² Weber classifica os debates em três tipos: debates convencionais, coloquiais e interativos, os quais são subdivididos em onze modelos listados a seguir: 1) Debate Convencional com Entrevistadores e Mediador - Candidatos frente a frente, em pé numa tribuna, com um mediador no centro e jornalistas convidados do lado oposto a este; 2) Debate Convencional Simples - Candidatos frente à frente, em pé numa tribuna, com um mediador central; 3) Debate Convencional Direto - Candidatos frente à frente, em pé numa tribuna, o mediador não aparece; 4) Debate Convencional com Plateia-Cenário - Candidatos em pé e com possibilidade de movimento em direção à plateia, tribuna de apoio, com um mediador central e cenário; 5) Debate Convencional com Cenário - Candidatos frente à frente, em pé numa tribuna, com um mediador central e cenário; 6) Debate Convencional com Plateia Passiva – Candidatos em pé numa tribuna de frente para a plateia, mediador em um dos lados; 7) Debate Convencional com Mediador-Entrevistador - Candidatos frente à frente, em pé numa tribuna, Mediador-Entrevistador no meio e sentado; 8) Debate Coloquial Simples - Candidatos sentados junto a uma mesa/bancada e mediador no centro; 9) Debate Coloquial Complexo - Candidatos sentados junto a uma mesa/bancada e mediador no centro; 10) Debate Interativo Simples - formato que permite deslocamentos e interações entre candidatos e mediadores; 11) Debate Interativo Complexo - formato que permite deslocamentos dos candidatos e interações/ perguntas enviadas por mídias diversas (feitas pelo do mediador) e/ ou formuladas pela plateia.

³ Adotamos apenas para descrição as definições básicas de planos cinematográficos, tais como: plano aberto, plano médio e plano fechado.

do corpo do homem político e o encontro do candidato com a multidão mediado pela televisão, que terá seu auge na campanha eleitoral de 2002.⁴

Debate de 2002



Figura 2

Este debate inaugura um novo modelo, emprestado dos americanos, denominado *town-hall meeting*⁵, ou seja, um encontro de comunidade que preconiza maior informalidade, ele ocorreu no dia 25 de outubro de 2002. A construção da cena também se organiza como uma arena. Os dois candidatos, José Serra (PSDB) e Luiz Inácio Lula da Silva caminham livremente pelo espaço e possuem um púlpito, uma cadeira de apoio e são cercados pela plateia em pequenas arquibancadas. Os candidatos são interpelados pelos eleitores, há na plateia cinquenta e três eleitores indecisos, a ordem para a resposta dos candidatos é dada a partir de sorteio, assim como, a ordem dos eleitores questionadores juntamente com o tema. O debate é dividido em cinco blocos, nos quatro primeiros são feitas, pelos eleitores indecisos presentes, dezesseis questões e o último bloco é destinado às considerações finais. Os temas abordados nas questões foram: habitação, previdência, saúde, programas sociais, aplicação

⁴ Nos anos de 1994 e 1998 não houve segundo turno, o candidato Fernando Henrique Cardoso ganhou as duas eleições no primeiro turno. Vale lembrar que o candidato Fernando Henrique Cardoso optou por não participar de debates em 1998.

⁵ Do debate americano, três coisas foram aproveitadas: a arena, a possibilidade de os candidatos se movimentarem livremente e a plateia que fazia perguntas. “Mas a gente tropicalizou tudo aqui. Tivemos a ideia de pôr na plateia eleitores indecisos, escolhidos pelo Ibope, com auditoria da Price Waterhouse Coopers”, conta Schroder.” In <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/eleicoes-presidenciais-2002/um-debate-diferente.htm>

financeira, favela, tráfico de drogas, salário mínimo, criminalidade, impostos, dólar, meio ambiente, transporte urbano, inflação, desemprego e qualidade das escolas.

Já o debate de 2002, também estruturado e pautado no estilo norte-americano, traz uma “*mise en scène*” diferente, os candidatos encontram-se no mesmo patamar que os eleitores, como se dá a focalização dos candidatos que são enquadrados juntos com os eleitores. Ao mediador também é permitido fazer questões, para assim esclarecer algum tema. A divisão do enquadramento entre candidatos e eleitores e a utilização de plano médio, na maioria do tempo de debate, retira o foco do candidato, aproximando, assim, o político com o eleitor, evidenciando a “intimidade distante” (COULOUMB-GULLY, 2003).

A constituição do debate de 2002, que preconiza menos formalidade e maior intimidade entre o candidato e o eleitor é uma forte característica do discurso político atual no qual “o homem público se dirige diretamente a cada um, sob a forma de conversação privada” (COURTINE, 2006, p.133)

Debate de 2006



Figura 3

Seguindo o modelo anterior, o debate de 2006, que ocorreu no dia 28 de outubro, manteve o estilo *town hall meeting*, no qual os então candidatos Geraldo Alckmin (PSDB) e Lula (PT) possuíam espaço para caminhar na arena central. Em 2006 havia 80 eleitores indecisos posicionados nas arquibancadas os quais fizeram 12 perguntas já previamente formuladas e analisadas. O debate foi dividido em quatro blocos, nos três primeiros haviam questões do público/eleitoral e também dos candidatos, mantendo, deste modo, uma interação constante entre eles e, por fim, no quarto bloco os candidatos elaboravam e propunham perguntas entre si e finalizavam com suas considerações finais. Os temas abordados foram:

educação, previdência, saúde, saneamento, desemprego, meio ambiente, segurança, transporte, corrupção, impostos, habitação e legislação trabalhista.

Como o debate de 2002, o de 2006, também traz uma *mise en scène* diferente da tradicional, os candidatos encontram-se no mesmo patamar que os eleitores, assim como se dá a focalização dos candidatos que são enquadrados juntos com os eleitores. Todavia, diferentemente do debate de 2002, ao mediador não é permitido fazer questões, ele apenas faz a mediação. A divisão de enquadramento entre candidatos e eleitores e a utilização de plano médio, na maioria do tempo, retira o foco do candidato. A possibilidade de questionamentos entre os dois candidatos e a disposição dos mesmos permitiu uma maior interação entre eles a ponto de se tocarem em alguns momentos.

Debate de 2010



Figura 4

O último debate eleitoral presidencial de 2010 ocorreu em 20 de outubro e foi protagonizado pelos candidatos José Serra (PSDB) e Dilma Rousseff (PT). O cenário, seguindo a estrutura dos dois anos eleitorais anteriores, foi uma arena na qual permitia a movimentação dos candidatos cercados pela arquibancada que abarcava 80 eleitores indecisos, selecionados pelo Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística – IBOPE – em todas as classes sociais e em diferentes estados do país. Da mesma maneira que o debate promovido em 2006, com mediação do jornalista William Bonner, foi estruturado em quatro blocos, nos três primeiros os candidatos responderam perguntas dos eleitores indecisos sobre os seguintes temas: funcionalismo público, agricultura, corrupção, segurança, saneamento, educação, legislação trabalhista, saúde, meio ambiente e política social, impostos e previdência. Na

última parte, cada candidato teve dois minutos para as suas considerações finais. Diferentemente dos debates promovidos anteriormente, não houve interação entre os candidatos, eles não faziam perguntas entre si e foi a primeira vez que uma mulher protagonizou um debate eleitoral presidencial de segundo turno.

Considerações finais

Com o passar do tempo, a arquitetura do debate político televisivo eleitoral vem se modificando e adquirindo formatos e efeitos de sentidos diferentes. Foi no atual período democrático que o debate televisivo ganhou força, afinal, somente tal sistema possibilita a livre (co)ocorrência de posicionamentos e formações discursivas distintas.

O primeiro debate brevemente analisado, o qual podemos dizer que é responsável pela inauguração da redemocratização em 1989, se constitui pela tradição do gênero com os candidatos posicionados em um púlpito frente à frete com a mediação do jornalista, já o debate do pleito eleitoral de 2010, como já dito, no estilo *town hall meeting* é estruturado com uma arena ao centro, na qual ao se posicionarem, os candidatos podem se mover e ficar em diversas posições, não ficando presos a certos lugares previamente determinados, eles têm a opção de circular pela arena onde é possível encontrar-se com os eleitores indecisos, quando eles foram elaborar as questões. A arquitetura do debate de 2010 promove uma aproximação entre candidato e eleitor, fazendo com que o foco seja dividido entre os dois, diferente do realizado no pleito 1989, corroborando, com isso, com o próprio discurso político contemporâneo que sinaliza a aproximação do político com o eleitor, propiciando, também, um tratamento mais íntimo ou uma conversa direta, na qual a forma de tratamento – direta e tratada pelo primeiro nome – é evidenciada. Por fim, ao pensarmos uma arquitetura do debate televisivo eleitoral, pensamos também em um dispositivo político eleitoral que abarca as esferas da campanha política, do debate político televisivo eleitoral até a construção do sujeito político em campanha eleitoral; seu rosto, sua voz, sua silhueta e seu dizer.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2001.

COULOMB-GULLY, M. *Présidente: le grand défi. Femmes, politique et médias*. Paris: Ed Payot & Rivages, 2012.

COULOMB-GULLY & RAMOS, J. *Genre, politique et analyse du discours*. In La revue **Mots. Les langages du politique**. Trente ans d'étude des langages du politique (1980-2010). Paris : ENS Éditions, 2010.

_____. *Rhétorique télévisuelle et esthétisation politique: le corps (en) politique*. In : BONNAFUS, S. et al. (Org) **Argumentation et discours politique**. Rennes : Presses Universitaires de Rennes, 2003 .

COURTINE, J.- J. Os deslizamentos do espetáculo político. Trad. Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. In: GREGOLIN, M. R. (Org.). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos, SP: Claraluz, 2003, p.21-34.

_____. **Metamorfose do Discurso Político**: derivas da fala pública. São Carlos, SP: Claraluz, 2006.

_____. **Análise do Discurso Político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2009a.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. **A língua inatingível**: o discurso na história da lingüística. Campinas, SP: Pontes, 2004.

PIOVEZANI, Carlos. **Verbo, corpo, voz**: dispositivos de fala pública e produção de verdade no discurso político. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

SARGENTINI, V. Arquivo e acontecimento: a construção do corpus discursivo. In: NAVARRO, P. (Org). **Estudos do Texto e do Discurso**: mapeando conceitos e métodos. São Carlos, SP: Claraluz, 2006.

SARGENTINI, V. Discurso e História em diferentes materialidades do discurso político. In: INDURSKY, F., MITTMANN, S. e FERREIRA, M. C. L. **Memória e História na/da Análise do discurso**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. R. (Org). **Análise do Discurso**: heranças, métodos e objetos. São Carlos, SP: Claraluz, 2008.

WEBER, Maria Helena ; ABREU, Carmen R. **Debate político-eleitoral na televisão: jogo de cena e dispositivo estratégico**. In: MIGUEL, Luiz Felipe; BIROLI, Flávia. (Org.). *Mídia, representação e democracia no Brasil - estudos sobre comunicação política*. São Paulo: Hucitec, 2010, v. 1.

WEBER, Maria Helena. **Comunicação e Espetáculos da Política**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

